O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, MARÇO/2018 - ANO XXII - Nº 254

EDITORIAL

O assassinato da vereadora Marielle Franco, no Rio de Janeiro, no último dia 14 de março, gerou comoção e protestos por todo o país. Centenas de milhares de pessoas foram às ruas exigir das autoridades ações que deem um basta à violência, principalmente contra as mulheres.

Eleita em 2016, a vereadora carioca foi a quinta mais votada daquele pleito. Era voz vibrante a favor das minorias. A morte brutal a agigantou, ao adicionar um componente político à inaceitável violência em que se vê mergulhado o Rio de Janeiro e o Brasil. A atuação da vereadora apresentava risco para determinados setores. Seu discurso e sua própria figura incomodavam.

No dia 8 deste mês, comemorou-se o Dia Internacional da Mulher. A data é um convite para que todos reflitam sobre o papel importante que a mulher deve e tem o direito de ocupar na sociedade. Nas últimas décadas, houve avanços e conquistas, mas ainda há muito a ser feito. A violência contra a mulher é constante e, muitas vezes, velada. Física ou psicológica, é uma herança do sistema patriarcal. Devemos combatê-la a qualquer custo. Apesar de a mulher ser o pilar de sustentação de muitos lares e instituições e de ser força de trabalho, continua discriminada. Mesmo com toda dificuldade, no entanto, vem conquistando mais espaços, abrindo caminhos e revelando ideias. Quando em cargos de comando, sofre duplamente preconceitos de parcela da população que tem dificuldade de entender e aceitar que a sociedade mundial vem se transformando e que ela já é liderança política em diversos países.

Para a mulher brasileira, a escalada ao poder também não foi e nem tem sido fácil. As que se aventuram na política, como a vereadora Marielle, sofrem pressões e todo tipo de preconceito. Ao se qualificarem e ocuparem cargos públicos relevantes até então ocupados somente por homens, passam a incomodar e muitos atuam diuturnamente para denegrir sua imagem ou retirá-las do poder. O preconceito contra elas, até então velado, vem se tornando explícito e – tudo leva a crer – materializado em crimes como o cometido contra a vereadora carioca.

É sempre bom lembrar que preconceito é doença, é sinônimo de desconhecimento, de incompetência e de despreparo. Independentemente do gênero, somos todos importantes na construção da sociedade, que desejamos justa, igualitária e fraterna. Não pensemos em gênero, mas na capacidade e na história profissional de cada um. Há espaço para todos!

Foto Lauerntino Gonçalves Dias Jr.

A demanda por água nos municípios tende a aumentar. É necessário água para a agricultura em expansão no país, para a produção industrial, para o abastecimento... Daí a necessidade de conscientização da sociedade sobre a sua importância para que tenhamos água limpa no futuro.

O risco da falta de água

O mundo observa, já há alguns, anos que é cada vez maior a falta de água potável para consumo humano. O risco de desabastecimento é real e já acontece em diversos países. No momento, mais de cem municípios brasileiros padecem com racionamento decorrente da escassez de água. Apesar de o Brasil possuir a maior parte do estoque de água doce do planeta – cerca de 12% de toda água superficial de rios do mundo –, muitas cidades brasileiras vivem situação crítica devido à falta d'água. A aparente abundância estimulou um histórico de desperdício, de poluição de recursos e de destruição da cobertura vegetal que protege as margens dos rios e suas nascentes. A demanda por água nos municípios tende a aumentar. É necessário água para a agricultura em expansão no país, para a produção industrial, para o abastecimento...

Há muito a ser feito para equacionar esse grave problema. O destino do esgoto lançado in natura nos rios é preocupante e precisa ser resolvido. A falta de saneamento básico nas cidades provoca impactos em diversas esferas, especialmente na saúde pública, em praias e rios e na biodiversidade aquática. O problema está relacionado à falta de infraestrutura que leve os resíduos sólidos à rede de coleta ou até o tratamento local. Como pode uma cidade como São Paulo ter dois grandes rios – Tietê e Tamanduateí –, que não podem ser usados como fonte de água limpa devido a todo tipo de poluição? Se fizermos essa avaliação nas pequenas cidades, estas também têm seus corpos d'água impróprios para consumo humano.

O uso irracional da água compromete a distribuição desse recurso para outros fins. Daí a necessidade de conscientização da sociedade sobre a sua importância para que tenhamos água limpa no futuro. É sempre bom ter em mente que a água não vem dos reservatórios. Ela vem da chuva que cai nas cabeceiras de rios e nas áreas de nascentes, permeiam o solo até os lençóes freáticos e enchem os mananciais. A cobertura vegetal garante o funcionamento desse sistema. Quando retirada, as chuvas encontram um solo menos permeável e escorrem carregando sedimentos que assoreiam rios.

Retirar a vegetação faz com que a bacia hidrográfica fique mais susceptível à perda de água, à seca e ao desaparecimento de um rio. Assim, o desmatamento e a conversão de áreas naturais em pastagens, plantações ou carvoarias, somados à expansão urbana descontrolada colocam em risco a disponibilidade de água potável. As nascentes e margens de rios são protegidas pelo Código Florestal e consideradas áreas de proteção permanente, que incluem, ainda, os topos de morros. Contudo, além dessas áreas que vêm sendo desmatadas, já há muitas a serem recuperadas. Com a restauração florestal, nascentes voltam a brotar.

Há que se acreditar que a água é um bem natural comum ainda ao alcance de todos, mas que pode acabar.

Imagem - Memória

Foto Arquivo Pró-Memória

Na foto, de 1910, o Cel. Pederneiras, ao centro, e o Padre Antônio Dalla Via, à esquerda

Os Salesianos e a Fábrica de Piquete

O prestigiado Colégio São Joaquim, de Lorena, começou a funcionar, efetivamente, em três de março de 1890. Em pouco tempo tornou-se uma respeitável instituição educacional, comparado ao tradicional Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro. Essa instituição salesiana abrigava alunos internos e externos que passaram a ser ensinados pelo sistema pedagógico de Dom Bosco que se costumava chamar de "Sistema Preventivo". Nesse sistema, o educador estava sempre junto ao educando. Confiança no professor era fundamental e este se fazia presente participando de suas brincadeiras, sentindo suas necessidades, procurando solucionar seus problemas. O educador ficava ao lado do jovem, ocupando o seu tempo inteiro, orientando suas iniciativas para atividades saudáveis. Era preciso participar e não apenas ficar como simples fiscal, distante e superior. Arregaçar a batina para jogos de bola, disputar uma corrida com mais dois ou três, ajoelhar-se no chão para "tecar" bolinhas de vidro, viver a vida do educando tão alegremente como ele, fazendo música, ensaiando peças teatrais, declamado, cantando. Havia castigo quando necessário – nunca, porém, de maneira vexatória ou humilhante – para que o educando entendesse que havia errado e se arrependesse. Prêmios, muitos prêmios, em qualquer festa ou sem ela, para o educando sentir-se valorizado e, mais que isso, amado.

Esse sistema educacional ligava os educandos aos mestres para o resto de suas vidas, e tal fato pode ser considerado como marca do ex-aluno salesiano.

A pedagogia do amor, aplicada, era um sistema que procurava chegar ao coração e por ele ao espírito, razão do bom êxito da escola. Cada aluno era único, conhecido pelo nome, Eram tratados como filhos e tudo o que acontecia a cada um interessava a todos. Assim, quando deixavam o colégio, os alunos levavam boas lembranças de certo clérigo, de determinado sacerdote, de algum coadjutor, porque todos estavam impregnados pelo mesmo ideal. Era um sistema dinâmico, em que toda escola interagia. Eficiência e dinamismo eram suas marcas desde os primeiros tempos.

Já nos seus primeiros anos, o Colégio São Joaquim foi se consolidando, atraindo alunos do Vale do Paraíba, Sul de Minas e Rio de Janeiro. Havia certa curiosidade em conhecer tamanha obra. Por outro lado, uma boa propaganda salesiana divulgava o grande empreendimento. Autoridades religiosas, governamentais e políticas se deslocavam a Lorena para, in loco, ver tamanha eficiência e organização. No início de 1902, o marechal Mallet, ministro da Guerra, conheceu e se surpreendeu com o Colégio São Joaquim. Ele se dirigia a Piquete e São Francisco do Campos do Jordão a convite do Barão da Bocaina a fim de escolher um terreno para que o Exército construísse um sanatório militar, uma fábrica de pólvora sem fumaça. Após a visita ministerial, o Marechal Mallet determinou o início imediato dessas obras e de um ramal férreo que ligaria Lorena a Piquete. No bojo desse empreendimento, um quartel foi construído em Lorena.

Com essas obras militares na região, houve uma aproximação entre os salesianos e os militares. Nos anos subsequentes, várias outras autoridades militares, em visita à região, se surpreenderam com os trabalhos salesianos. Com a inauguração da Fábrica de Pólvora em Piquete, em 15 de março de 1909, o diretor do Colégio São Joaquim, Padre Antônio Dalla Via, costurou uma boa relação com o diretor da Fábrica, coronel Achilles Veloso Pederneiras. Firmaram parcerias, de maneira que os padres e alunos visitavam, com frequência, a Fábrica e as obras militares em Piquete. Eram mais do que passeios... As visitas foram importantes para que os alunos pudessem conhecer uma indústria química pioneira na América do Sul e os diversos produtos por ela fabricados. O Coronel Pederneiras sempre atendia ao pedido do Padre Dalla Via disponibilizando um vagão especial para transporte dos alunos a Piquete. Foram décadas de parceria. Havia grande respeito e camaradagem entre os homens de Dom Bosco e os de Caxias. A mesma dedicação, eficiência e dinamismo, ensinados e valorizados pelos salesianos, pôde ser constatada pelos alunos nas sucessivas administrações da Fábrica de Piquete. Bons tempos! Bons diretores aqueles!

GENTE DA CIDADE

Nenê

"*Tudo passa na vida.Muito bom são as lembranças*", diz, frequentemente, Nenê.

Ao exercitar a memória, recordando-se de mais de oito décadas de pessoas e situações por ela conhecidas e vividas na rua Major Carlos Ribeiro, onde nasceu em 10 de setembro de 1929, Terezinha da Silva Coelho faz uma viagem no tempo. A princípio desculpa-se dizendo que a memória já não é mais a mesma, mas, aos poucos, começa a desfiar uma sucessão de fatos e personagens por ela lembrados e que estavam muito bem guardados. Fala com afeto da família, dos vizinhos, da escola, do catecismo paroquial, do trabalho diário e das dificuldades do cotidiano. Ao se deparar com uma fotografia de sua formatura no antigo Grupo Escolar de Piquete, se emociona e, calmamente, vai identificando um a um colegas e professores. "Comecei estudando num prédio antigo, em frente à igreja Metodista,que, na iminência de desabar, foi interditado. Daí um novo prédio foi construído pelo Estado e lá concluímos o quarto ano", conta.

Nenê, como é conhecida, é um dos seis filhos do casal Genario da Silva Coelho e Adelaide da Silva Coelho. O pai, conhecido como Vidinho, se dedicava à agricultura e ao comércio. Mantinha uma venda na parte da frente de uma ampla casa que havia sido coletoria. Neste imóvel, transformado em comércio e residência familiar, ela nasceu. As referências familiares lhes são caras. Orgulha-se ao falar do pai e da mãe, figuras enérgicas, mas doces, voltados para o trabalho e para a educação dos filhos. Recorda-se de que algumas vezes o pai, cansado, cochilava numa rede... Ela e o irmão Paulo o acordavam, mas, ao invés de reprimendas, o pai os colocava deitados juntos a ele e cantava hinos de sua infância. A mãe, figura forte e austera, se dedicava aos cuidados da casa e da venda. Nenê, ao evocar sua mais antiga lembrança, recorda-se de sua avó materna, Edwirges, e a vê ralando uma quantidade enorme de mandioca, espremendo-a no tapiti, depois torrando-a num tacho enorme e a transformando em farinha. "Vovó era grande quituteira... Tenho saudades de seus saborosos pães, roscas e biscoitos", diz. Essa avó era famosa na arte de partejar. Vinham de longe atrás de seus préstimos. Lembrança triste é a morte do tio paterno, Pedro Coelho, morto em um acidente na Fábrica...

A venda da família era concorrida. Havia fregueses de mês e do dia a dia que compravam arroz, feijão, batata, carne-seca, bacalhau, banha, querosene. Vendia-se, também, leite. Eram seus vizinhos mais próximos as famílias de Herculano Gonçalves e Salviano, Seraphim Moreira, Maricas do Correio e sua sobrinha Zeli, Carlos Ribeiro Jr, Juca Brito e tantas outras. A rua era movimentada, de modo que assistia o passar de carros, tropas, boiadas e romeiros. Muitos paravam na venda. Na Carlos Ribeiro havia ainda coletoria, correio, sapataria, o Cine Glória, lojas, bares e padaria.

Dona Nenê nos conta: A cidade era pacata e todos se conheciam. "Minha mãe era muito católica. Fazia parte da Irmandade do Sagrado Coração de Jesus. Desde menina frequentei a matriz de São Miguel. Fui catequizada por Dona Mariquinhas Ferreira e recebi a primeira comunhão das mãos do padre Septímio Arantes. Boas lembranças guardo do padre Juca. Desde pequena ajudei nos afazeres de casa e na venda. Um fato que presenciei quando menina foi o fim do Hotel das Palmeiras. Certo dia, ao me dirigir à Igreja Matriz, um senhor responsável pela construção da rodovia, batendo palmas no Hotel, chamava pela proprietária. Fui com ele até a porta. Quando Dona Maria Eufrásia atendeu, foi comunicada que o hotel seria comprado e desmanchado para que por ali passasse a nova estrada. Dona Maricas chorou, pediu para que entrasse e aguardasse a filha Lili Couto. Mãe e filha concordaram com o negócio e se mudaram para Lorena. O hotel, que era muito grande, movimentado, tinha muitos empregados e hóspedes. Em pouco tempo foi demolido. "Piquete mudou muito. Antigamente, tudo era mais difícil. Hoje há mais facilidade. Evoluiu graças a Deus!", conclui.

Quase nonagenária, Nenê passa o tempo costurando e fazendo doces, herança da avó. Recordando a mãe Adelaide, reforça que recordar é viver: "Guardo só boas recordações. Nada de pensamentos ruins". *Tudo passa na vida. Muito bom são as lembranças...*

Nenê (d), com a mãe, Adelaide, e a irmã, Cida

Não se gerencia o que não se mede

Laura Chaves

"Não se gerencia o que não se mede, não se mede o que não se define, não se define o que não se entende, e não há sucesso no que não se gerencia". Essa frase, que inspirou o presente artigo, é de William Edwards Deming, professor, autor e palestrante estadunidense. Ele foi pioneiro tanto nos estudos como na aplicação de melhorias no âmbito da qualidade.

Qualquer um que leia essa frase pode supor que ela se aplique tão somente ao mundo dos negócios, mas ela se encaixa perfeitamente à educação formal. Para quem está inserido no meio educacional, tem-se a impressão que ela vem como uma resposta quase salvadora para nos tirar da gestão baseada no achismo.

Primeira lição que se extrai dela: não se mede o que não se define. A história da educação brasileira é marcada pela construção de vários documentos (Planos) que, normalmente, são meras formalidades... Na prática, em cada escola e em cada sala de aula faz-se o que se bem entende. Portanto, falta definição dos resultados (qualidade do serviço educação) a serem atingidos e entendimento do que são esses resultados.

Segunda lição: não se gerencia o que não se mede; portanto, chegar ao sucesso só por acaso. Com gerenciamento sem indicadores, a chance de dar errado só é diferente de zero. Mais uma vez, recorremos à história da educação brasileira, que revela que temos instaurada uma cultura de negação da avaliação.

Para fazer gestão escolar e da sala de aula, só existe um caminho: o da medida, ou seja, o de criar mecanismos para levantar dados que revelem as reais condições da escola e de cada aluno.

Todo e qualquer aspecto pode ser melhorado, mas, para tanto, faz-se necessário medir.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22
Tels.: (12) 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Fundação Christiano Rosa no Fórum Mundial da Água

O Brasil sediou, em Brasília, entre os dias 17 e 23 de março, o 8º Fórum Mundial da Água. Nesse período, recebeu, vindos de mais de 170 países, especialistas e autoridades para discutir o tema, que pautou a agenda de governos e mobilizou empresas e a mídia. Sob o tema "Compartilhando água", o Fórum contou com dezenas de milhares de visitantes que circularam entre o Centro de Convenções Ulisses Guimarães e o Ginásio Mané Garrincha, onde foi montada a "Vila Cidadã".

A abertura do evento aconteceu no dia 19 de março e contou com discurso do Presidente da República, que recepcionou os chefes de Estado, de governo e demais autoridades brasileiras e estrangeiras no Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores.

Fundação Christiano Rosa

A Fundação Christiano Rosa (FCR) participou do Fórum, como representante da sociedade civil paulista do CEIVAP (Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul), entidade que patrocinou a viagem a Brasília.

Durante a semana, o engenheiro químico Laurentino Gonçalves Dias Jr., do Conselho Curador da FCR e seu representante no Fórum, participou de seminários e palestras que versavam sobre experiências com recursos hídricos de países como o Brasil, Israel, Senegal e Togo. Países tão diversos culturalmente, mas que têm a falta de água em comum. Israel, por exemplo, destacou sua tecnologia de dessalinização. No país, 80% da água usada para irrigação e consumo vêm do mar. Aqui no Brasil, o estado do Ceará está implementando a técnica para lidar com as consequências da seca. De Togo, mereceu destaque o projeto da entidade "Caridade Cristã para Pessoas em Situação de Risco" (CCPD, em Inglês), vencedor do Grande Prêmio Mundial da Água de Quioto, outorgado pelo Fórum da Água do Japão e pelo Conselho Mundial da Água desde 2003.

Laurentino destacou, ainda, a grande participação de jovens com até 35 anos, entre doutores e mestres, cientistas e pesquisadores, que receberam deferência da organização do Fórum, com presença obrigatória em todas as mesas de discussão: "*A participação desses jovens dá-nos esperança de que haja continuidade em tudo o que foi evidenciado como necessário para se executar daqui para frente. Com eles em ação, o Fórum não ficará restrito a esses sete dias e nem a políticos e empresas, interessados que são, alguns deles, especialmente, em benefícios particulares*". Tatiana Silva, representante jovem do Conselho Mundial da Água, por exemplo, chamou a atenção para a capacidade e potencial dos jovens em cooperar e mandou um recado para a comissão organizadora do próximo Fórum: "A gente não aceita um Fórum Mundial da Água com nenhum jovem a menos".

A Fundação Christiano Rosa tem, entre seus objetivos estatutários, "promover, apoiar, incentivar e patrocinar atividades nos campos da educação, cultura, (...) e meio ambiente". Sendo assim, se preocupa em estar antenada e alinhada com as políticas inerentes aos recursos hídricos, que sempre mereceram sua especial atenção, especialmente por Piquete ter seus mananciais na Serra da Mantiqueira. O Fórum Mundial da Água foi, portanto, uma oportunidade ímpar de aprendizado e de coleta de informações.

Vila Cidadã

Esta edição do Fórum foi a primeira a disponibilizar um espaço para discussões totalmente gratuito, a Vila Cidadã. Lá, empresas e diversos países montaram estandes para divulgar produtos e experiências de sucesso na gestão dos recursos hídricos. A programação foi, também, riquíssima, com debates e palestras de altíssima qualidade.

Prefeita de Piquete, Teca Gouvêa, no Fórum Mundial da Água

A prefeita de Piquete, Teca Gouvêa, participou, no "Espaço São Paulo", do Fórum Mundial da Água, como mediadora em uma mesa de discussão sobre "*Prevenção e Mitigação da Escassez de Água*". A mesa contou com apresentações de Jerson Kelman, diretor presidente da SABESP, e Eduardo Trani, Secretário Adjunto da Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo. Teca, muito aplaudida ao final do evento por suas interevenções exatas, que colaboraram para o debate, foi convidada pela Secretaria de Meio Ambiente paulista.

Cerimônia de Encerramento

Durante a cerimônia de encerramento, foram apresentados os dez princípios pactuados durante o evento, como a necessidade de educação e acesso à informação para a efetiva participação social na gestão da água. O documento final deve ser divulgado nos próximos dias, mas os coordenadores dos diversos segmentos temáticos apresentaram os principais resultados das discussões acerca dos recursos hídricos. O balanço é que as ações realizadas até agora em relação ao tema são insuficientes para garantir segurança hídrica para toda a população. É alarmante, por exemplo, saber que uma em cada seis cidades brasileiras corre o risco de sofrer falta d'água. Temos, portanto, muito a fazer para garantir água com qualidade para esta e as futuras gerações. Mãos à obra!

O próximo Fórum Mundial da Água acontecerá em Dakar, no Senegal, em 2021.

Maiores informações sobre o Fórum podem ser encontradas no site do evento:
http://www.worldwaterforum8.org/pt-br

Visita técnica à ANA

Teca Gouvêa com Luiz Barreti, presidente da Câmara Técnica Consultiva do CEIVAP

Laurentino, Vera Lúcia Teixeira e Matheus Cremonese, vice-presidente do CEIVAP

Fotos Arquivo Pró-Memória

Presidente da República do Brasil, Michel Temer, e Chefes de Estado na abertura do Fórum Mundial da Água

Reprodução da Internet

Detalhe da Cerimônia de Encerramento do Fórum

Reprodução da Internet

A tradicional malhação de judas

No domingo de Páscoa, logo pela manhã, em muitas partes de Piquete, podemos encontrar alguns bonecos confeccionados com roupas velhas, amarrados em postes, cercas ou enforcados nas árvores. São os "judas", tradição extremamente popular, originária da Península Ibérica, que chegava à América Latina nos primeiros tempos da colonização.

Na maioria das cidades brasileiras, onde esta tradição é mantida, o enforcamento, queima ou malhação do judas é feito no sábado de aleluia.

Os bonecos, confeccionados por grupos de jovens, são recheados de jornal, palha ou estopa. No seu interior é comum colocar bombinhas e fogos de artifício, que estouram em verdadeira apoteose muito festejada pela assistência. Colocam-se, também, em suas entranhas, balas, pinhões e moedas, que são arremessados quando estouram.

O boneco traz no pescoço, muitas vezes, uma tabuleta com o nome de um personagem conhecido da cidade. Geralmente, um encrenqueiro, um político, sempre ironizado na figura de Judas.

Ao meio dia de domingo, quando os sinos da Matriz proclamam a aleluia, os bonecos são atacados e incendiados por entre brados dos populares. O costume da malhação é precedido por um julgamento e sua consequente condenação. Antes da execução da sentença, é lido o testamento do judas: uma sátira a pessoas e acontecimentos locais, a maioria das vezes ocultando-se o nome dos implicados, mas deixando pistas identificadoras.

O apóstolo traidor é queimado ao som da garotada que comemora gritando "Aleluia! Aleluia" e sai, a seguir, pelas ruas, pegando balas e doces atirados pelos moradores e comerciantes e retribuindo com: "Deus lhe pague, Deus lhe ajude!" ou então "Pão duro! Miserável!", quando não correspondida.

Foto Arquivo Pró-Memória

Judas na Praça do Mercado, em 2001

Mude

Tempos atrás, neste mesmo periódico, tratei da canção "O que você faz para ser feliz', de Clarice Falcão. Você, caro leitor, deve se lembrar de que fiz conjecturas sobre a questão que tão docemente se vê colocada logo no início dessa canção: "O que faz você feliz?".

Pois bem! Como filósofo de latrina que sou, fico a matutar sobre as questões da vida. Fico parado observando o mundo e as pessoas, seus comportamentos e atos, e tento desvendar os sentimentos que vejo nas faces, olhares e sorrisos. Dia desses estava sentado aguardando minha neta e meu sobrinho em uma mesa na cantina da escola. Uma mãe - suponho que fosse – pegou a filha, que devia ter uns 6 ou 7 anos, e a veio trazendo até a uma das portas da cantina. No interior dela, por detrás da parede, um senhor magro e com carinha malandra, segurava um bichinho de pelúcia. A mãe segurou a menina delicadamente fazendo-a ficar meio que de frente para a porta. Então o senhor esticou o braço e colocou o brinquedo para fora balançando-o como se ele dançasse. A menina abriu um sorriso tão maravilhoso que até o vento podia trazer o cheiro da felicidade dela. Então o senhor – que acredito fosse o pai – apareceu e os dois deram um longo e terno abraço. Não foram preciso palavras. Apenas aquele abraço apertado. Viu-se e sentiu-se no ar a felicidade de todos. O que supus pai e a que supus mãe, a menina e todos que ali olhavam.

O que fez ela feliz? A felicidade está em coisas tão simples que não necessita dinheiro, bens ou poder. É uma coisa de dentro, do coração. No fundo, e nem tão fundo, é a manifestação incondicional do amor. Se olharmos os grandes homens, talvez entendamos um pouco do quão pouco material é necessário para a felicidade. Mas não existe nem uma gotícula de felicidade se o amor não permear a vida e os sentimentos de quem dá e de quem recebe.

Uma pessoa – das muitas – que admiro é o ex-presidente do Uruguai, José Mujica. Ele pregou em todos os cantos, nos seus discursos e reuniões e, especialmente, com seus atos, que a simplicidade e não coisas materiais é que traz a felicidade. Entrou presidente com um Fusca e saiu de lá com o mesmo fusca. E perguntava: Com ele não vou aonde quero? Comprou um helicóptero para a Presidência e o colocou a transportar os doentes quando ele não precisava. E esse helicóptero, certamente, fez mais viagens para atender aos necessitados do que ao Presidente. Morava e mora num pequeno e simples sítio e lá é feliz. Muito feliz. Mas a elite daquele país não o entendia ou aceitava. Perguntavam: Como um "pé rapado" desses pode ser presidente e viver essa vidinha medíocre? E afirmavam: é uma vergonha ter um presidente assim! Nada queridos vizinhos que no passado foram parte de nosso Império do Brasil!

A felicidade é assim mesmo! Simples, singela e amorosa. Para um ganancioso é difícil entender aquela velhinha calejada e encarquilhada pelo sol do nordeste, que mora no sertão e às vezes come cacto, que tem sede e fome por muitos momentos. Como ela é feliz? Como pode alguém ser feliz sendo que o único momento de lazer que tem é uma pescaria magra em um riacho lento? Ou: como é possível ser feliz com um dedinho de prosa na quentura da taipa de um fogão a lenha, com uma ou duas doses de uma cachacinha "margosa"? Ou perguntam: explique-me como pode ser feliz carregando um isopor de cerveja simples para uma praia qualquer? Ou ainda: como ser feliz só de ver essas crianças barulhentas e estabanadas a correr pelos pátios do colégio? Já dizia uma frase da qual desconheço o autor: "A felicidade cria-se no estômago". Vem daquelas borboletas que lá batem asas, aquecem o coração e traduzem-se em lágrimas. Não é resultado de coisas e desejos. Mas é amor e alma.

Tal qual os "Hermanos de allá", aqui também temos uma elite que não entende o caminho da felicidade. Enquanto queremos ter carros mais possantes e contas milionárias, os países europeus começam a entender que nas coisas simples encontra-se o "ser feliz". Andam mais a pé e de bicicleta. Diminuem o tempo de trabalho para estar mais com a família. Não assistem tanto TV e buscam o ar livre. Preferem o bate-papo direto às mídias sociais. Aumenta consideravelmente o número daqueles que querem estar não só com a natureza, mas na natureza. Nas escolas o movimento cresce. Menos ou nenhuma tarefa ou trabalho de casa. Redução do número de horas em sala e mais aprendizado ao ar livre. Mais tempo para brincar e estar com a família. Eles sabem que a vida é curta e curtem mais o tempo que têm. Países que adotam essa postura sobem no ranking do PISA (ranking da educação em 36 países), a Finlândia liderando. A pesquisa mostrou que países que adotam essa atitude nova têm a sensação e vivem uma felicidade maior: Noruega, Dinamarca, Islândia e Suíça são os primeiros. Quer ser feliz de verdade? Desligue sua TV, vá passear e visitar os amigos, plante uma árvore ou muitas, dê uma volta com seu cão, plante uma horta e flores, conheça seu bairro, sua cidade e as pessoas que nela vivem. Converse e acredite nas coisas simples do dia-a-dia. Encha seu estômago de borboletas e faça seu coração mais feliz. Não espere acontecer e nem fique cobrando pela sua felicidade, afinal, "quem quer felicidade corre atrás".

Luiz Flávio Rodrigues

Crônicas Pitorescas

Diguices

Palmyro Masiero

Ninguém discute que adicionar parcelas de nada vá ter como soma coisa alguma.

Com isso queremos dizer que sempre houve um ponto inicial, por menor que fosse, que serviu de apoio para os fantásticos criadores que revolucionaram e revolucionam o mundo. Aqueles que não aceitaram ou os que não aceitam o que lhes entregaram pronto e o transformaram de acordo com o que lhe deu na telha.

Como já disse o grande, mas guilhotinado, Lavoisier, "Na natureza nada se perde, nada se cria; tudo se transforma" (reconsiderado pelo filósofo Chacrinha em "nada se cria, tudo se copia"), dá para admitirmos que sempre alguém ou alguma coisa precedeu às enormes revoluções em nossas vidas.

Esse introito magnífico é para justificar minha admiração por aqueles que não estão modificando o mundo em nada, mas que mudam a comunicação entre pessoas, dando-lhe um tempero todo peculiar. Não estou falando em gíria, que considero de uma criatividade e sutileza incríveis (perdoem-me os filólogos, mas é a única coisa nessa Terra que concorre páreo a páreo com os juros atuais e é muito mais divertido), mas de transformações e comparações que convertem até as vicissitudes mais negras em claros sorrisos.

O velho anexim "mais vale um pássaro na mão do que dois voando" sofreu várias modificações e paralelismos, como: "mais valem dois marimbondos voando do que um na mão". Contudo, o que achei mais atraente foi o de um cara que, embora aceitando a forma original, mandou sua versão culta: "mais vale um bípede penoso na destra ou na sinistra do que o duplo produto do mesmo desafiando a Lei da Gravidade". Não é castíssimo?!

Esse mesmo cultor da Língua contando como seu cachorrinho fora atropelado por um carro: "Quando o quadrúpede canino atravessava placidamente a via pública, paralelepidada, eis que, senão, surge o quadrúpede borrachudo roncante e... pimba!". Sem dúvida, mais enrolado do que gavinha.

Sobre a mania governamental de querer sempre suprir o débito público atacando o povão comentou um estudante: "Nós, o povo, seremos sempre o ruminante cavicórneo redimido!". Quis dizer, simplesmente, que o povo é sempre o "bode expiatório" de tudo.

Nas comparações é que existem toques jocosos de um sabor indefinido. Certas pessoas são incapazes de apenas dizer sim ou não; qualquer assunto vem acompanhado de um símile, de conformidade com seu ponto de vista. Sobre os caóticos problemas brasileiros existem analogias que esbarram em caracteres metafísicos. Um garotão falando dessa nossa incerta conjuntura: "A situação está mais difícil que ensinar a minhoca da Tasmânia a cantar o hino da Polônia de trás para frente". Outro, sobre o mesmo tema: "Se isso não for fase, sopa de tamanco é melhor que banho frio!".

Não podemos nos esquecer de que pululam alogias como "os QI de rodapé, de pó de pum, de ameba, de conta-gotas, de couve-flor, de repolho, de alcachofra etc. etc.

A respeito do INSS, surgem os confrontos mais aberrativos. Um contribuinte comentando sobre certos problemas que tinha com o Instituto desabafou: "papelada tramitando no INSS anda como centopeia sem coordenação motora". Acerca das filas que se formam, exprimiu outro: "É uma corrida de cem metros com barreiras disputada por minhocas!". Dá para entender?!

Mas o cúmulo da singularidade veio da mocinha fazendo teste para ingressar no coral:

– Vou cantar uma nota e você vai repeti-la – disse o maestro.

– Isso não, maestro! Sou essencialmente original para ficar repetindo notas dos outros!

Como cerra-fila, vem a demonstração de agradecimento de uma servente de escola ao receber um benefício de sua chefe: "Isso, sim, é uma Diretora com H maiúsculo!".

FPV, 109 anos...

No mês em que a Fábrica Presidente Vargas completa 109 anos de sua inauguração, a Fundação Christiano Rosa parabeniza todos os colaboradores que construíram e constroem a grandeza desta que é o símbolo maior de nossa cidade.

A história da Fábrica Presidente Vargas, filial nº 01 da IMBEL, confunde-se com a de Piquete. E, assim, há que se celebrar sua resiliência, sua essencialidade para todos os piquetenses, sem exceção.

Que a FPV tenha todo o crédito que merece! Que seja respeitada sempre! Que seus administradores se conscientizem de sua importância econômica, social e cultural para Piquete!

Uma experiência marcante

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Participei, como representante da Fundação Christiano Rosa, do 8º Fórum Mundial da Água, realizado em Brasília, entre os dias 17 e 23 de março. Foi-me uma experiência ímpar estar com pessoas de diversas partes do mundo, mas, especialmente, com cidadãos africanos. Países daquele continente, especialmente da África subsaariana, sofrem, há muito tempo, com total falta d'água. Ainda assim, seus representantes têm uma alegria contagiante e vieram nos transmitir suas experiências com a gestão dessa situação.

Sem dúvidas, adquiri conhecimentos e cresci profissionalmente nesses dias.

Venho acumulando experiências em fóruns relacionados aos recursos hídricos nesses últimos anos. Preocupo-me ao evidenciar que carecemos de ações efetivas para garantir água para muitos cidadãos pelo Brasil e ao redor do mundo. São muitas as existentes, não há dúvida, como as dos amigos africanos e várias aqui no Norceste do Brasil. É emocionante conhecer a história de instituições e pessoas que lutam incansavelmente para ter o que beber dia após dia.

Segundo dados do Ministério das Cidades, em 2016, o consumo de água médio per capita era de 166,3 litros por dia no Brasil. Enquanto isso, há locais no mundo, como a Etiópia, em que esse indicador não chega a 15 litros por dia.

Há muito por se fazer, portanto, especialmente a restauração de nascentes por meio da recuperação das matas que as protegem. Políticos gostam de construir barragens. Alegam ser necessário acumular água para evitar o desabastecimento. Se as nascentes secarem, porém, não háverá o que acumular. É uma conclusão óbvia!

Em Piquete, há alguns anos o consumo per capita era de mais de 600 litros. Atualmente esse número é bem menor. A redução, no entanto, não veio por meio de educação ambiental, mas em função da implantação da cobrança pelo uso da água. Ainda assim, o desperdício existe. Basta recordarmos um passado não muito distante para evidenciar um Ribeirão Benfica com volume bem maior de água no outono e no inverno, período com menos chuva. Hoje, nessas estações, o volume dos rios que cortam o município é reduzido drasticamente. E isso sem entrar na questão do esgoto, despejado em seus leitos ao longo de toda a cidade.

A água é vital para a vida. Temos de nos conscientizar de que é necessário agir para garantir que ela exista e seja de qualidade. Em Piquete, faz-se necessária, ainda, educação ambiental, para, por exemplo, que não se jogue lixo nos rios e que sejam utilizadas fossas nas zonas rurais e em locais onde não há captação do esgoto, além da economia no consumo doméstico, é claro. A revegetação da mata ciliar é outra ação que pode ser desenvolvida em conjunto com a municipalidade. É o mínimo que os cidadãos conscientes podemos fazer!

Educar para a cidadania

Teve início, recentemente, mais um ano letivo. Com ele veio também aquela inquietação antiga que os educadores bem conhecem nessa época que é a de como conduzir adequadamente uma sala de aula.

Ao planejar o trabalho escolar, o professor deve sempre ter em mente que o eixo vertebrador dessa educação é a cidadania.

A diretoria da Fábrica e professores de Piquete e do Departamento Educacional da FPV no dia do Professor, em 1948.

Educar é ter o compromisso não somente de transmitir informações específicas dos componentes curriculares, como o de também formar um indivíduo, colocá-lo frente à realidade social, aos seus direitos e responsabilidades em relação à sua vida pessoal e coletiva, para que ele possa ter uma participação social efetiva.

Ao eleger os conteúdos, o professor deve incluir questões que possibilitem ao aluno a compreensão e a crítica da realidade, não os tratando como dados abstratos que devem ser aprendidos para "passar de ano", mas sim como uma oportunidade de se apropriar deles como instrumentos para refletir e mudar sua própria vida.

Educar para a cidadania propicia um envolvimento maior por parte dos educadores no trabalho escolar. Em Piquete, esse professor terá um trabalho muito maior, visto que os alunos trazem consigo um imenso rebaixamento na autoestima, comprometendo, assim, a qualidade do ensino oferecido.

Vindo em boa parte de lares desajustados por problemas socioeconômicos, nossos alunos, na grande maioria, são apáticos e desinteressados. Não pensam em progredir, não sonham com um futuro melhor que o dos seus pais, e acabam por repetir os mesmos valores recebidos. Desacreditada a educação oferecida na escola e no lar, esses jovens passam a procurar na bebida e no sexo promíscuo uma maneira de serem menos infelizes.

Levando em conta que a sociedade é potencialmente transformável pela "ação social", está aí a justificativa de que o professor precisa, para planejar, um trabalho escolar calcado na prática da cidadania. Transformar este triste quadro é o grande compromisso que os professores têm para com a educação.

Fingir que não enxergam a realidade atual é o que muitos educadores fazem para não se comprometer. É preciso buscar parcerias com entidades, universidades e empresas que possam beneficiar os alunos. A escola sozinha não muda a sociedade, é verdade. Mas, juntamente com outros segmentos sociais é capaz de ser um espaço de transformação. Também é imprescindível a participação dos pais no dia a dia da escola e de seus filhos.

Por meio de uma escola eficiente, a nossa cidade só terá a ganhar com a presença de cidadãos efetivamente participantes.

A armadilha da Ficha Limpa

A condenação do ex-presidente Lula pelo TRF-4 e a consequente inelegibilidade para o pleito de 2018 forjaram uma situação inédita no país: desde que foi promulgada em 2010, é a primeira vez que a Lei da Ficha Limpa retira de uma eleição presidencial o candidato que, segundo as pesquisas, lidera as intenções de voto. De um lado, parte dos que defendem o direito de Lula de se candidatar alega que o Judiciário não poderia se contrapor à soberania popular, que indica o petista na Presidência. De outro, há os que defendem que, conforme disposto na lei, um condenado em um órgão colegiado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro não teria direito de registrar sua candidatura. Levado ao campo teórico, essa disputa argumentativa retoma um debate clássico da filosofia política, que contrapõe soberania popular, substância primordial da democracia, e o aprimoramento institucional representado pelos freios às maiorias.

Um dos autores que de maneira mais rica tratou essa disputa foi o teórico francês Alexis de Tocqueville, que já algumas vezes citei neste espaço. Tendo em perspectiva as instituições forjadas por Madison e outros através da Constituição Estadunidense de 1787, o teórico observou que as instituições, ao salvaguardarem certos princípios e valores construídos pelo processo histórico e social, impediam que possíveis maiorias pudessem, a bel prazer, fazer valer qualquer vontade. Do ponto de vista prático, essa observação significa que as leis não poderiam ser atropeladas por impulsos casuísticos. Isso porque, se assim fosse, a democracia perderia sua própria substância e passaria a funcionar como mero procedimento matemático. Nos termos de Tocqueville, formar-se-ia uma "ditadura de maioria", na qual as vontades não encontrariam limites éticos ou legais.

Sob a égide dessa discussão, é possível, de saída, descontruir o argumento que parte dos defensores do direito de Lula se candidatar mobilizam: sua candidatura não deve ser exceção apenas porque a maioria do povo assim o deseja. As instituições, com o intuito de salvaguardar valores da própria democracia, estabeleceram regras que devem ser cumpridas. Por outro lado, quando se entra na seara dos que defendem a inviabilização de Lula, surge um outro problema: a Lei da Ficha Limpa, ao prever a inelegibilidade automática de um candidato condenado por órgão colegiado, atenta contra um princípio consagrado na Constituição e caro a todas as sociedades civilizadas, que é a presunção de inocência. O julgamento do ex-presidente ainda não se encerrou. Há recursos em análise pelo TRF-4 e ainda cabe apelação ao STJ e ao STF. Desse modo, portanto, Lula ainda não poderia ser considerado um condenado, e, portanto, deveria ter direito de se candidatar.

Se a sociedade brasileira não estivesse inebriada pela sanha anticorrupção, como agora, quando da aprovação da Ficha Limpa, talvez essa aberração não tivesse brotado e apenas cidadãos condenados com trânsito em julgado estariam inviabilizados de se candidatar. No entanto, o deslize de 2010 deixou um problema latente que, agora, vem à tona em meio à grave instabilidade pela qual passamos. Tornou-se mais um exemplo de que carecem à política brasileira racionalidade e respeito por valores democráticos.

Rafael Domingues de Lima

Condomínios Sociais

Olhai as aves do céu! Examinai a arquitetura de seus ninhos!

Por que o ser humano, que se diz inteligente, chega a morar em ninhos infectos, armazenadores de doenças?

Por que tiramos os índios de suas aldeias, construídas nos moldes da mais estrita tradição, para transformá-los em caboclos isolados em choupanas miseráveis?

Por que aceitamos municípios com mais de cinco milhões de habitantes em que o ser humano passa a ser um número e uma estatística?

Quando a população chega a quatro milhões e meio já deve ter início o processo de divisão.

As capitais que queiram construir macrocidades para conservar o nome devem, todavia, abrigar municípios com Prefeituras e Câmaras Municipais.

Os descalabros administrativos geram favelas e moradores de rua.

Todo brasileiro tem direito a uma casa 1.0 – com energia, água encanada de boa qualidade e instalações sanitárias.

As Prefeituras devem fornecer aos interessados o Projeto da Casa Mínima e determinar os locais em que elas podem ser construídas.

No domínio da precariedade duas soluções devem ser encaradas: 1. Condomínio Social para Homens Moradores de Rua. 2. Condomínio Social para Mulheres com Crianças.

Sabemos como os Moradores de Rua se movimentam. Por isso é preciso que o Condomínio a eles reservado fique em local de vida ativa.

Uma praça deve ser reservada, toda cercada de calçadas e uma faixa de grama com arbustos que produzam flores.

Haverá apenas uma construção em todo o terreno disponível, aberta por um portão de acesso. No interior, acompanhando todo o perímetro, estarão cubículos individuais com um banco de cimento para servir de cama, uma prateleira e um varal. Na entrada do cubículo ficará um espaço livre para o carrinho e instrumentos de trabalhos.

No centro do Condomínio ficarão os tanques para roupas, os chuveiros e as instalações sanitárias.

Nas proximidades do Condomínio será instalada uma Guarda Municipal para resolver desentendimentos internos. No mesmo prédio haverá uma Assistente Social encarregada de encaminhamentos para assistência médica e emprego.

O Condomínio Social do Tipo 2, destinado a Mulheres com Crianças, deverá localizar-se necessariamente nas proximidades de uma escola.

Será também fechado, com apenas um portão de acesso. Em vez de cubículos, haverá casas 1.0 e a Assistência Social se instalará dentro do Condomínio. Toda a vida da comunidade será orientada pela Assistente Social.

Os Condomínios Sociais pretendem ser Casas de Passagem, se destinam a resolver dificuldades momentâneas.

Nenhum ser humano deve morar em condições degradantes.

"Acaso não sois vós mais que as aves do céu?".

Abigayl Lea da Silva

A Semana Santa de antigamente

Até há algumas décadas, as cerimônias da Semana Santa, em Piquete, eram vividas pelos católicos com mais intensidade e fervor. Naqueles dias, um sentimento de pesar e luto pairava sobre a cidade. As famílias afluíam em massa para a igreja matriz, a fim de participar das cerimônias religiosas com certo temor e muito respeito.

Essa tradição, herdamos dos colonizadores portugueses. Vem do período colonial, sofreu mudanças ao longo do tempo, adaptou-se e chegou aos nossos dias. A história nos conta que a "Semana Santa" surgiu já nos primórdios do cristianismo, quando as comunidades cristãs de Jerusalém se reuniam, na Sexta-feira e no sábado, mediante rigoroso jejum, recordando o sofrimento e a morte de Jesus. Rememoravam, portanto, os últimos dias de sua vida terrena.

A semana tinha início com a Procissão de Ramos, no dia seguinte à do Depósito, quando a imagem do Senhor dos Passos era levada por homens da Igreja Matriz para a de São José. No dia seguinte acontecia a procissão do encontro: mulheres, saindo da Matriz, carregavam Nossa Senhora das Dores, e os homens, saindo da Igreja de São José, o Senhor dos Passos. Na Quinta-feira, as cerimônias, cheias de simbolismos, lotavam a igreja. Na madrugada, a adoração ao Santíssimo Sacramento, guardado numa urna, com as irmandades se revezando em turnos. A Sexta-feira acordava com penitentes subindo o Morro do Cruzeiro, muitos carregando pedras e rezando o terço. Preparavam-se para outras importantes cerimônias... A procissão do Enterro acontecia à noite. Vinha gente de todos os lugares. Uma massa compacta de fiéis carregando velas acesas acompanhava o esquife, que vinha sob um pálio roxo seguido pela Euterpe Piquetense, que tocava a inesquecível Marcha fúnebre. Era também inconfundível o plangente cântico da "Verônica", seguido do lamento das "Beus", todas de luto fechado, com os rostos coberto por véus pretos. Finalmente, o Sábado, a Missa da Aleluia, quando os sinos voltavam a tocar e as imagens e os altares eram despidos de seus panos roxos assustadores. Finalmente, no Domingo de Páscoa, na madrugada, saía a procissão da ressurreição, seguida da Santa Missa, encerrando os trabalhos religiosos. Acontecia, então, a parte profana. Missão cumprida, a cidade voltava à vida normal.

Não havia trabalhos domésticos naqueles dias. As casas não eram varridas, o cinema não funcionava e os poucos rádios existentes eram desligados. Os clubes fechavam. Nada de diversão. Não eram ouvidos os sinos da Matriz, nem os apitos do trem e da Fábrica... Somente as matracas ressoavam pela cidade. Para terror da criançada, que nada entendia, os altares e imagens da Igreja Matriz eram cobertos com panos roxos. O ambiente tornava-se sinistro. A igreja estava sempre cheia, com gente do lado de fora. Em alguns dias da semana havia confissões. Vinham missionários de fora para pregações e outros sacramentos. Verdadeiros arrebatadores de almas, com muita fluência e grande conhecimento das escrituras consolavam os paroquianos.

Hoje, passadas algumas décadas, evidenciamos que a Semana Santa foi, em parte, destituída de seus contornos religiosos e se modernizou. Poucos sabem o verdadeiro sentido da celebração. Para muitos é, simplesmente, mais um feriado prolongado!